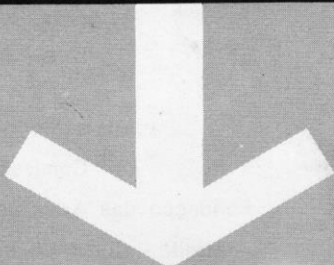


# ALEIJADINHO

**AQUI**



**AGORA**

**AUTOR**  
**LAFAYETTE GALVÃO**

**DIREÇÃO**  
**ANTÔNIO PEDRO**

**CENÁRIO E FIGURINOS**  
**SARAH FERES**

**MÚSICAS**  
**CARLOS CASTILHO**

**COREOGRAFIA**  
**JURA OTERO**

**PRODUÇÃO**  
**GRUPO TEATRO DA CIDADE**

**DIARIAMENTE**  
**NO**

**TEATRO**  
**MUNICIPAL,**  
**de S.<sup>TO</sup> ANDRÉ**

**MAIO - JUNHO**





## Agradecemos

Dr. Newton da Costa Brandão

D.D. Prefeito de Santo André

Prof. José Lazzarini Jr.

DD. Secretário de Educação e Cultura

Dr. Miller de Paiva e Silva

e funcionários do

Departamento de Educação e Cultura

Comissão Estadual de Teatro

Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Streiff - Comércio e Representações Ltda.

São Paulo Alpargatas

Ind. e Com. Copélia Ltda.

Novomocassin Calçados

Clube Aramaçan

Ocara Clube

"No anfiteatro das montanhas,  
os profetas do Aleijadinho  
monumentalizam a paisagem.  
As cúpulas dos passos  
e os cocares verdes das palmeiras  
são degraus da arte de meu País  
onde ninguém mais subiu:  
Bíblia de pedra-sabão  
banhada no ouro de Minas"

**Oswald de Andrade**



“As igrejas do Aleijadinho não se acomodam com o apelativo belo, próprio à São Pedro de Roma, à catedral de Reims, ou à horrível São Marcos de Veneza. Mas são muito lindas, são bonitas como quê. São dum sublime pequenino, dum equilíbrio, duma pureza tão bem arrumadinha e sossegada, que são feitas para querer bem ou pra acariciar, que nem a cantiga nordestina”.

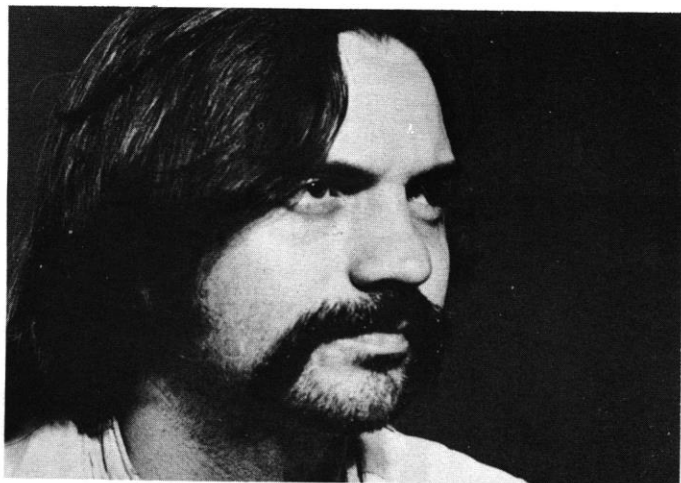
**Mário de Andrade**

Era uma vez um Aleijadinho, não tinha dedo, não tinha mão, raiva e cinzel lá isso tinha, era uma vez um Aleijadinho, era uma vez muitas igrejas com muitos paraísos e muitos infernos, era uma vez São João, Ouro Preto, Sabará, Congonhas, era uma vez uma cidade e um Aleijadinho era uma vez.

**Carlos Drummond de Andrade**

A obra do Aleijadinho é a obra mais importante de toda a história da cristandade.

**German Bazin - Conservador do Louvre**



## ... é uma forma de rejeitar certo tipo de teatro

**Antônio Pedro**

Fazer "Aleijadinho" é uma forma de rejeitar certo tipo de teatro que, frustrado para saídas mais amplas, projeta na realidade seus choques afetivos, partindo para uma transcendência mística dos problemas. Positivamente não posso aceitar esta extrapolação pessoal revestida de novidades, envolvendo um número cada vez maior de pessoas e já partindo para um sistema de massificação, mas que é um velharia, reincidência lógica de certos momentos sociais.

É então que se assiste a uma nova forma de pensar a fazer arte que, em nome dos fracassos, passa a negação de certos instrumentos fundamentais, como a palavra, e chega à institucionalização de uma coisa chamada anti-cultura, que por sua vez vai desembocar na condenação de toda a civilização ocidental, sua mola mestra, a razão, e sua filha dileta, a tecnologia.

É muito primário fechar os olhos a tudo isto, e apregoar uma volta à natureza. Aliás, já estava em Rousseau, um romântico burguês. O homem lutou milhões de anos para aperfeiçoar a sua linguagem, para fazer da palavra algo que defina, que clarifique. Não há porque se envergonhar de definir as coisas, considerando tudo que é definido como mentira, e partindo para um conhecimento exotérico, através de energias irracionais. Toda nossa civilização está baseada na razão, e, historicamente, encontrou os seus melhores resultados nos momentos mais racionais.

A nossa proposta é um teatro em que as coisas estejam em relação às outras coisas; que coloque os fatos em relação aos outros fatos. O ator não procurando apenas a sua personagem, mas as relações com as demais. Tudo que é objeto do nosso conhecimento tem uma história, não é sozinho, não existe fora de suas circunstâncias. E nem podemos pretender a nossa busca individual, a nossa auto-análise num quarto escuro. Isto só pode acontecer em contato com a realidade, num processo integrado, reflexivo. Assim, a arte ou existe integrada dentro de um processo, ou não é arte de uma era científica. O artista tem que estar ligado à sua realidade, ou lhe faltarão meios para criar. Vejo em Santo André a possibilidade de fazer teatro para um público ainda imune a um sistema alienante de importação cultural. Um público aberto. E, portanto, estamos aí.

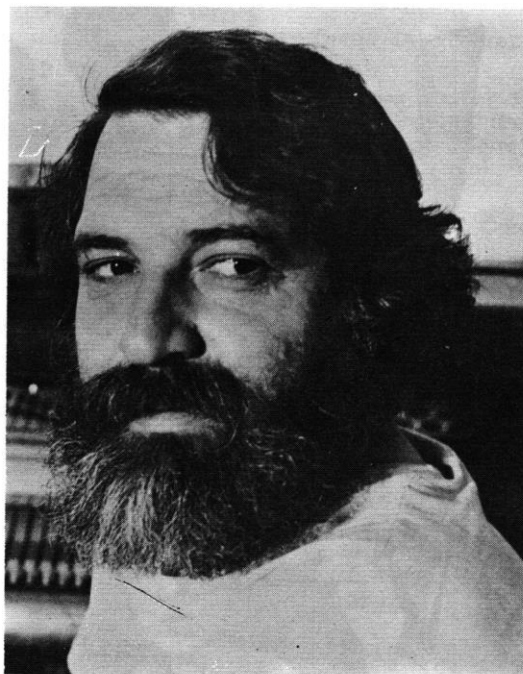
As lendas que povoam a memória de um dos maiores artistas que o mundo já viu, trazem até nós a figura do Aleijadinho como um mulato que, influenciado por piedosos sacerdotes, fazia santinhos de madeira. Humilde e insignificante, auxiliado por alguns escravos que atavam os formões em suas mãos mutiladas. A aberração começa aí. O trabalho de escultura, em pedra ou madeira, é antes de mais nada um trabalho braçal, e ninguém consegue fazê-lo sem uma saúde e resistência de ferro. No fim da vida, sim. Aí ele foi mutilado e arrasado por uma doença que o torturou e o matou.

Eu sempre ouvi falar do Aleijadinho, sem pensar nele dentro de uma época da história do Brasil, e, à medida que fui revirando bibliotecas e documentos, Lisboa surgiu diante de mim como um gigante. Vi Aleijadinho cruzando nas ruas de Vila Rica com Tiradentes, Chico Rei, Chica da Silva, Claudio Manuel, Gonzaga, Silvério, Alvarenga, Bárbara, Marília e muitos outros. Ele presenciou. Ele testemunhou tudo. E esta foi a minha preocupação. Colocar Lisboa dentro da História do Brasil.

Ele viveu a nossa história. Ele revolucionou a arte no mundo. Ele criou a sua escola. Ele sofreu a morte de Tiradentes. Em 1792 esculpiu um florão no sacrário da Igreja de São Francisco: um Cristo esquartejado, com o coração sangrando. Esquartejado como Tiradentes. No adro da igreja de Congonhas do Campo, em praça pública, fez seu grande sermão: os profetas. Todos os dizeres das cartelas dos profetas têm um fundo revolucionário. Um anseio de libertação. Um grito desesperado de um homem que viu o seu país devorado pelo fogo da injustiça. Isaías: "Eu vos acuso, idumeus e gentios. Anuncio dores e prevejo destruição". Naum: "Exponho qual o castigo espera Nínive depois de recaída. Digo que a Assíria deve ser destruída". Todos na mesma linha de pensamento. E foram esculpídos logo após a execução de Tiradentes.

Esta é a proposição do texto: Aleijadinho. Aqui. Agora. Situa-lo dentro de uma época. Dar nomes aos bois e demonstrar a consciência de liberdade que sempre regeu o grande artista.

um  
gênio  
dentro  
de sua  
época



Lafayette Galvão

# ALEIJADINHO, AQUI

2 atos de Lafayette Galvão

Produção

**Grupo Teatro da Cidade**

Direção Geral  
**Antônio Pedro**

Direção Musical  
**Carlos Castilho**

Cenários e Figurinos  
**Sarah Feres**

Coreografia  
**Jura Otero**

**Elenco**

Alexandre Dressler  
Antônio Petrim  
Dalmo Ferreira  
Gabriella Rabelo  
Henrique Lisboa  
Lafayette Galvão  
Luiz Serra  
Luzia Carmela  
Manuel Andrade  
Marcelino Buru  
Paco Sanches  
Roberto Portela  
Rubens Teixeira  
Sérgio Rossetti  
Sylvia Borges  
Sônia Guedes



# E AGORA

## Músicas de Carlos Castilho

### Execução Musical

Antônio Cleston - João Correia

Carlos Eduardo - Paulo Carrera

### Adereços

Leo Leone e Ney Motogrosso (Índios)

### Genotécnica

José Revoltos

### Iluminação

João Dulcini e Henrique Tobal

### Contra-regra

Roberto Portela

### Projeção de slides

Adelmo Vanucchi

### Execução dos Figurinos

d. Anita

### Divulgação

José Armando - Sylvia Borges

Paco Sanches - Inajá Bevilacqua

### Fotos

Denise e Gabriel



## ATO I

- 1 - **Abertura. Batismo. Retrospectiva histórica**
- 2 - **Aleijadinho nas ruas**  
Aleijadinho (Lafayette), Januário (Buru), Maurício (Manuel), Tipo Popular (Henrique), Cantor (Dalmo).
- 3 - **Aleijadinho trabalha**  
Aleijadinho, Januário, Maurício (os mesmos), Governador (Petrim), Tipo Popular (Henrique).
- 4 - **Dom Rodrigo**  
Cantora (Sônia), Dom Rodrigo (Sérgio), Ajudante (Rubens), Padre (Serra), Cacique (Sonia), Índia (Sylvia), Cantores (Paco, Gabriella, Dalmo e Alexandre).
- 5 - **Maia e Jefferson**  
Maia (Serra), Vidal Barbosa (Henrique), Jefferson (Petrim).
- 6 - **Chico Rei**  
Aleijadinho, Januário, Maurício (os mesmos), Chico Rei (Dalmo), Seu Filho (Sylvia), Senhor (Rubens), Cantores (Gabriella, Sérgio e Buru).
- 7 - **A queda dos quilombos**  
Rei (Serra), Zumbi (Dalmo).
- 8 - **Encerramento do Primeito Ato**  
Tipo (Henrique), Amigo (Paco).

## ATO II

- 1 - **Marília e Dirceu**  
Marília (Gabriella), Dirceu (Alexandre).
- 2 - **Os Inconfidentes**  
Tiradentes (Rubens), Claudio Manoel da Costa (Sérgio), Alvarenga Peixoto (Petrim), Joaquim Silvério dos Reis (Serra), Padre Rolim (Sônia), Coronel (Paco).
- 3 - **A Traição**  
Silvério (Serra), Barbacena (Petrim), Coro (Sérgio, Manuel, Alexandre e Dalmo).
- 4 - **Aleijadinho e Tiradentes**  
Aleijadinho, Maurício e Januário (os mesmos), Tiradentes (Rubens), Cônego (Alexandre).
- 5 - **Aleijadinho se diverte**  
Aleijadinho, Gorda (Luzia), Meninas (Sylvia e Gabriella), Jovem (Roberto).
- 6 - **Bárbara Heliodora e Alvarenga Peixoto**  
Bárbara (Sônia), Alvarenga (Petrim).
- 7 - **A Condenação**  
Meirinho (Alexandre), Fagundes (Henrique), Tiradentes (Rubens), Negro Capitania (Dalmo), Padre (Sérgio).
- 8 - **Encerramento**  
Aleijadinho (Lafayette) e Maurício (Manuel).



# Prá que se embananar na terra da banana?

Carlos Castilho

O que? Não. O Carlos Gomes, realmente, é o autor italiano que mais se aproximou da realidade brasileira dos nossos índios. Vocês sentiram o drama da cabocla Jurema, assim gordona, atacando de prima donna em termos de ópera italiana? Pois é, bicho. Já era. Qué que tem a vêr isto com o Aleijadinho? Sei lá... Mas sabe comê, barrôco mineiro à base européia, também já era. Sei lá... Mas eu acho que é a mesma coisa. Não, bicho. A curtição mesmo foi o que o barroco deixou aqui no Brasil. Você já ouviu com atenção um chorinho tocado pelo Pixinguinha, ou Benedito Lacerda? E o Jacó? Ainda teremos o nosso "Jacó aqui e agora". Barroco puro, na sua estrutura, na baixaria dos violões, na percussão do pandeiro misto de tan-tan e platinelas, embora negrão nas suas figurações de ritmo. Nada disso, bicho. O Lisboa não vai dar duas cambalhotas na cova, não. Ele era um homem do povo e por isso curtiu mesmo. Mas curtiu no duro, sem "onda". Ele era esnobado porque a sua arte era pra valer. Borromini pra êle já era. Daí, viva o Villa! que fez o Bach à nossa moda. Assim é que é ser brasileiro.

Pra falar de Brasil e teatro, aqui e agora, o caminho continua a ser aquêle. Pra falar de música. Pra falar de Chico Buarque, Martinho da Vila e Paulinho da Viola. Pra falar de Sinhô, Noel, Baden, João da Baiana, Cartola e Nelson Cavaquinho. Pra falar de Caymmi, Caetano e Gil. É dêsse jeito. Teatro rebolado? Mas é claro. E também Sambão, boolerão, moda de viola, fado, chorinho, modinha e outros babados.

Olha. Eu tenho uma certa dificuldade em decorar nomes, mas letra de música, melodia, harmonia... sabe, essas coisas de músico - a chamada forma musical - pode deixar qué comigo. Não que eu tenha queimado as pestanas pra decorar. Entrou na-

turalmente. Afinal de contas são 38 anos de janela e vinte de trabalho. Trabalho duro, baixo. Trabalho sofrido e esnobado. Sabe, quanto mais nos torcem o nariz mais a gente estuda pra torcer o dêles.

E é por isso que te digo: embananamento eu te garanto que nunca me deu. Pra que se embananar na terra da banana? Tá tudo aí, bicho. Não precisa abrir o compêndio, não. O Téo fêz a "Disparada", ouvindo a "Hora Sertaneja". Quanto deu de audiência? Bota número nisso, baixo...

Itapoã, Copacabana, Pontal, Iracema, Abaeté, Alto da Tijuca, Vila Isabel. São êsses os melhores compêndios. Tá tudo aí.

O que? São Paulo? Mas é claro. A moda de viola. O Caipirão. O Vai-Vai. Mocidade alegre, Camisa Verde. O caçara, Zéquinha de Abreu, o Vadico. Sabe quem é o Vadico, baixo? é... o parceiro do Noël... Eu fiz umas coisinhas por aí. "Arena Conta Zumbi", "Cemitério de Automóveis", "Roda Viva", "Marta Saré", "A vida encrachada"... (é claro. Teatro rebolado, autêntico). Não baixo, "Meu pedacinho de chão" foi só uma experiência.

Quer saber? Entre Festivais, discos, peças e novelas, eu tenho sobrevivido com dignidade. Tem dado pro gasto. Afinal de contas, as minhas quatro graças não são de papelão: Na hora do leitinho, não querem saber à quantas andam as estruturas, injunções e outros bichos.

Sabe. O papo tá muito comprido. Como eu já disse, e faço questão de repetir, tão aí os homens que não me deixam mentir sôzinho. E eu vou saindo do ar, discretamente, antes que um sonoplasta qualquer me conteste.

Abraços do Castilho.



# AS MÚSICAS

## A COLÔNIA

O Brasil era colônia,  
Vivia para agradar,  
Suando no trabalho,  
E vivendo para agradar.  
Só plantando e colhendo  
Prá coroa agradar,  
Ninguém ia para frente,  
Só pra trás e humilhação.

Um bando de patifes  
Acambarcou a importação,  
E então, um monopólio  
Nasce lá no Maranhão.

Se era um escravo?  
Era lá no monopólio.  
Um pouco de salitre?  
Era lá no monopólio.  
E tólio? E lólio? E óleo?  
Era lá no monopólio.  
Que deu muito o que falar,  
Que deu muito o que chiar,  
E o povo aturdido,  
Oprimido, esperneou.

Trabalhar, agradar  
Agradar, trabalhar,  
Trabalhar, agradar.

## CHICO REI

Êle é rei, olelê, êle é rei, olalá,  
Êle é rei, olelê, olalá (Bis).

Reinava na sombra da terra,  
Reinava nas águas do mar,  
Reinava na frente da guerra,  
Reinava até o mundo acabar.  
Mas veio o tumbreiro e o mundo do  
[Chico acabou.

Seu reino, seu mar, sua guerra, sua  
[rainha acabou.

E hoje seu Chico é um negro cativo,  
Não reina, mas chora seu choro de rei,  
Senzala é o reino do rei,  
O Tronco é o trono do rei,  
Chicote é o cetro do rei,  
Enxada é a espada do rei.  
Mas quem é rei tem cabeça de rei,  
E o Chico é rei, Chico é rei, Chico-Rei.

## LIBERTAÇÃO

Negro livre, negro vivo,  
Negro é gente, sim senhor.  
Negro livre é negro vivo,  
Negro é bom trabalhador.  
Hoje Chico é negro forro,  
Inda é rei, rei de verdade.  
Sonha Chico com seu reino,  
Viva em Chico a liberdade.

Trabalhou como um danado,  
Trabalhou que trabalhou,  
Juntando vintém trocado,  
O seu filho libertou.  
Com seu filho alforriado,  
Quatro braços a trabalhar.  
Quatro braços trabalhando  
Prum terceiro alforriar.

Mais de cem alforriado,  
Mais de cem a trabalhá.  
Mais de cem suando forte  
Prá mais cem se libertá.

Em vez de formá quilombo,  
Chíco fêz um empreiteira,  
Comprando mina de ouro,  
A mina da Encardideira.

Prosperou o nosso Chico,  
Reerguendo o seu reinado,  
Fundando em Vila Rica  
Seu Império e seu Estado.

Se casou com uma crioula,  
Deu-lhe honras de rainha;  
O seu filho era príncipe,  
Sua nora princezinha.

Um monarca soberano,  
Com muita maturidade,  
Vive os negros libertando,  
trabalhando a liberdade.  
Êle é rei, Olelê...

### CARAPINHAS

Na igreja de Chico Rei  
Tem um só particular:  
Tudo que é santo é crioulo  
Pindurado no altar.

As negrinhas engomadas,  
Chico Rei é luxo só,  
Carapinhas empoadas,  
Cheinhas de ouro em pó.

Ouro em pó, ouro em pó,  
Cai na pia de água benta.  
Ouro em pó liberta o negro  
Desta vida lazarenta.

Eu lavei a carapinha,  
Ouro em pó depositei,  
Ouro em pó que as negrinhas  
Deixam aqui para seu rei.

Olhe aqui São Benedito,  
Não conte isto a ninguém:  
Ouro em pó das carapinhas  
para libertar meu bem.  
Ouro em pó, ouro em pó...  
São Benedito, São Benedito,  
Preto retinto, tão retinto que reluz;  
São Benedito, São Benedito,  
Esconde ouro e não mostra a Jesus.

### 1.365 TONELADAS

Só mil toneladas, trezentas e sessenta  
e cinco.

Com mil toneladas, trezentas e sessenta  
e cinco.

Esta história é bacaninha, tem começo  
meio e fim,

É contada com carinho, tim, tim, por  
tim tim tim.

Fique aqui, não vá se embora, que ago-  
ra é o intervalo,

Vá fumar um cicarrinho, seu cabelo pen-  
teá-lo,

Que, agora vem a parte da derrama e da  
traição,

Que o alferes Tiradentes trabalhou com  
tanto afinco

Prá impedir que fosse embora as sessen-  
ta e cinco.

Só mil toneladas, trezentas e sessenta  
e cinco...

Meu Brasil lindo e trigueiro, meu Brasil  
bem Brasileiro,

Teve gente o ano inteiro bagunçando o  
teu pandeiro.

Só havia choro e sangue, e com isto  
eu não brinco,

Tô cabreiro com a história das sessenta  
e cinco.

Só mil toneladas, trezentas e sessenta  
e cinco...

### GRAÇAS, MARÍLIA BELA

Depois que nos ferir a mão da morte,  
Ou seja neste monte, ou noutra serra,  
Nossos corpos terão, terão a sorte  
De consumir os dous a mesma terra.  
Na campa rodeada de ciprestes,  
Lerão estas palavras os pastores:  
Quem quizer ser feliz nos seus amores,  
Siga o exemplo que nos deram êstes.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha estrela.

### SEU TIRADENTES

Seu Tiradentes, seu Tiradentes,  
Dê só um grito que daqui vamos ouvir.  
Seu Barbacena vem com a derrama,  
Pego o porrete e vou pra ai te garantir  
Nós somos mariposas, sofremos duro  
penas,  
Mas quem é vagabundo é o Visconde  
Barbacena  
Que veio de longe pelar o meu Brasil.  
Quer a derrama, cobrando o quinto,  
Êle que cobre lá... Não vai pelar o meu  
Brasil  
Tem muito ouro nas terras do meu  
Brasil,  
Que esse intrometido quer encher o seu  
barril.  
Ai se eu acerto com o meu porrete  
Esse Visconde, faço dele um pastelão.

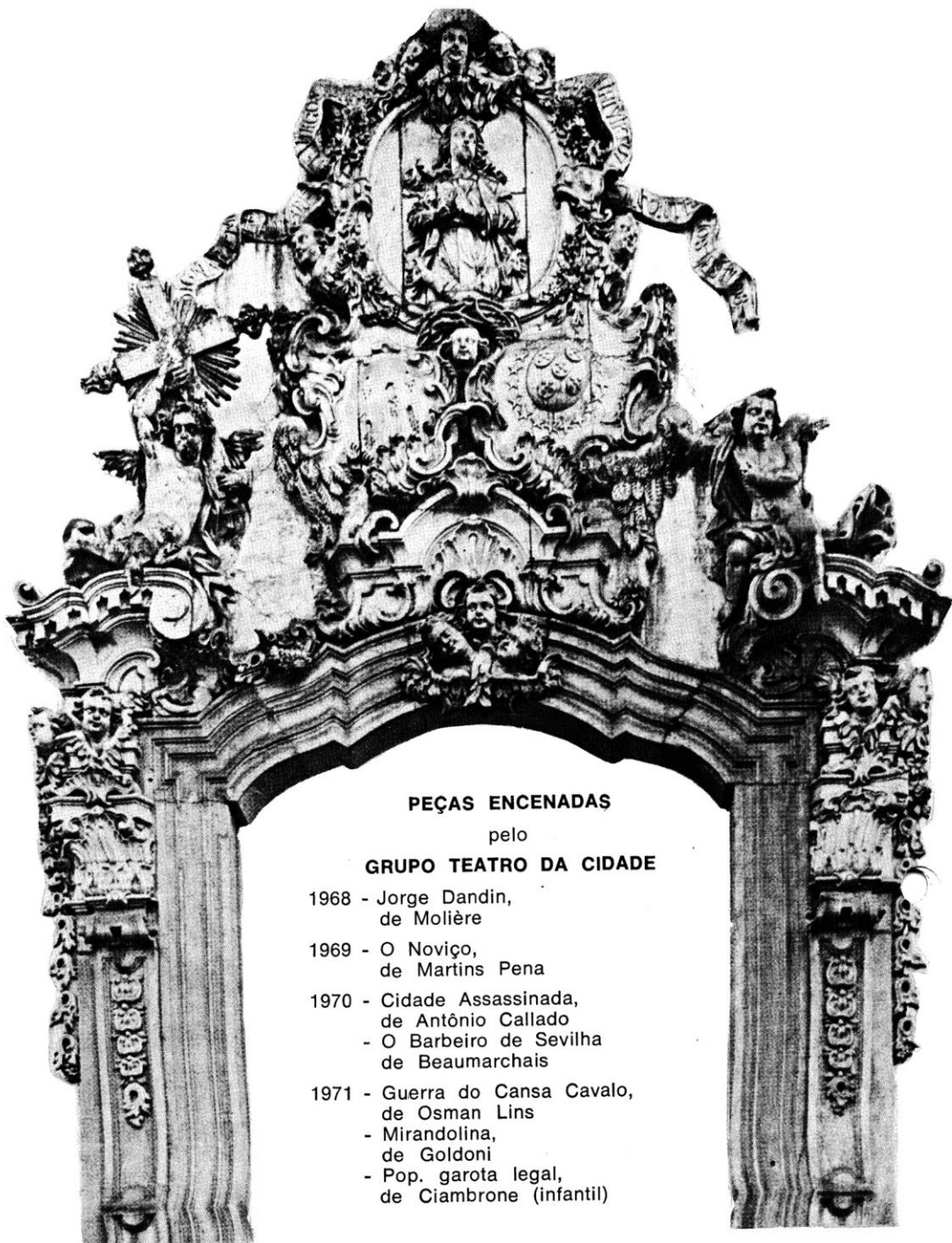
### DEIXA PRÁ LÁ

Deixa prá lá,  
Que a tristeza e a dor  
Que existem em você também existem  
em mim.  
Deixa prá lá,  
Bem melhor que chorar é viver.  
Pois é vivendo é que eu morro cantando  
A minha dor e muito amor.  
Ainda é cedo demais  
Para morrer de dor,  
Pois se o pranto sossega,  
Não custa, virá  
de alegria chorar.  
Vamos os dois caminhando,  
Me dê sua mão, me dê sua mão.  
No caminho vamos juntando  
O que foi de nós dois,  
Mas que é tudo para dar.  
Ai, se o caminhar é incerto,  
Fique desperto,  
Pois é bem melhor não chorar.  
Deixa prá lá,  
Se a noite é escura,  
Não pendura não, não pendura.  
Deixa prá lá,  
Não perca a razão de existir.  
Bem melhor há de ser  
O brilho do sol que há de vir.

# CRONOLOGIA

- 1730 ou 1738 - Nasce em Vila Rica Antônio Francisco Lisboa.
- 1746 - Nasce no Sítio de Pombal, distrito de São José Del Rei ou São João Del Rei, Joaquim José da Silva Xavier.
- 1760 - O Aleijadinho inicia as suas grandes obras, executando trabalhos de talha para a Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Matriz de Caeté, MG.
- 1761 - Aleijadinho esculpe a sua primeira obra em pedra sabão, na Fonte do Padre Faria do Alto da Cruz, em Vila Rica.
- 1762 - Início da primeira derrama. A partir desta data o ouro não atende às cotas mínimas fixadas por Portugal.
- 1763 - Aleijadinho projeta a Igreja de São João Batista de Morro Grande MG, seu primeiro trabalho como arquiteto.
- 1766 - Projeta a Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, em Vila Rica.
- 1769 - Lançamento da segunda derrama. O ouro continua a escassear.
- 1774 - Projeta a Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, em São João del Rey, MG.
- 1775 - Trabalha no projeto da capela-mor para a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e dos Perdões, em Vila Rica.
- 1776 - Independência dos Estados Unidos da América.
- 1777 - Já bastante doente, Aleijadinho para a alguns negros para transportá-lo até suas obras.
- 1779 - Inicia a execução do balcão da Igreja de Assunção de Nossa Senhora, Sé de Mariana, MG.
- 1786 - Na França, encontram-se José Joaquim da Mala e Thomas Jefferson. Discutem a possível emancipação do Brasil.
- 1788 - Dirige-se a Minas Gerais o novo governador, Visconde de Barbacena. Reunem-se na casa do Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade os inconfidentes.
- 1789 - Aleijadinho executa o altar da Capela da Confraria dos Negros de São José, em Vila Rica. Delatado por Silvério dos Rejs, Tiradentes é aprisionado no Rio. Segue-se a prisão dos demais Inconfidentes.
- 1792 - A rainha concede a comutação da pena a todos os indiciados, exceto a Tiradentes, que é enforcado.
- 1799 - Aleijadinho termina de executar as figuras dos passos no Santuário de Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo, MG, obra em que foi ajudado por diversos entalhadores.
- 1805 - Termina a escultura dos profetas para o mesmo Santuário, obra em pedra sabão na qual gastou cinco anos.
- 1810 - Desenha a parte superior da fachada e da portaria para a Igreja de Santo Antônio em São José del Rei (hoje Tiradentes).
- 1814 - Morre, no dia 18 de novembro, em Vila Rica, o Aleijadinho, sendo enterrado na matriz do bairro de Antônio Dias.





**PEÇAS ENCENADAS**

pele

**GRUPO TEATRO DA CIDADE**

- 1968 - Jorge Dandin,  
de Molière
- 1969 - O Noviço,  
de Martins Pena
- 1970 - Cidade Assassinada,  
de Antônio Callado  
- O Barbeiro de Sevilha  
de Beaumarchais
- 1971 - Guerra do Cansa Cavallo,  
de Osman Lins  
- Mirandolina,  
de Goldoni  
- Pop. garota legal,  
de Ciambrone (infantil)